

## Entrevista

### **ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA TERESA SANTOS CUNHA**

**ENTREVISTA A LA PROFESORA MARIA TERESA SANTOS  
CUNHA**

**INTERVIEW WITH PROFESSOR MARIA TERESA SANTOS  
CUNHA**

**ENTRETIEN AVEC LA PROFESSEUR MARIA TERESA  
SANTOS CUNHA**

Dóris Bittencourt Almeida\*

A entrevista a seguir é com a professora Maria Teresa Santos Cunha, professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina e, igualmente, professora da Universidade Estadual de Santa Catarina, atuante em dois Programas de Pós-graduação desta instituição, o Programa de História do Tempo Presente e o Programa de Educação. Trata-se de uma pesquisadora com larga trajetória no campo da História da Educação, e que aqui compartilha conosco suas reflexões, acerca de seus percursos profissionais.

---

\*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS, Brasil.

## **1 PROFESSORA, COMO ACONTECEU, EM SEUS PERCURSOS, AS APROXIMAÇÕES DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO? GOSTARIA QUE A SENHORA COMENTASSE ACERCA DE SEUS CONTATOS COM O CAMPO, COMO ACONTECERAM E SE DESENVOLVERAM.**

**Maria Teresa:** Gostaria de agradecer o fato de ter sido convidada para estar aqui a conversar sobre a minha trajetória, que não sei se é tão larga, mas ela é bem longa mesmo, como professora, na cidade de Florianópolis (SC). Iniciei minha vida profissional como professora primária em escolas básicas onde trabalhei entre 1970 e 1973. Concluí, em dezembro de 1973, o Curso de História, na Universidade Federal de Santa Catarina e entre 1974 a 1977 atuei como professora de ensino médio no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). De agosto de 1977 a janeiro de 1998 fui professora do Curso de História na UFSC, onde concluí mestrado em 1982 e me aposentei em janeiro de 1998. Em março de 1998, fiz concurso público para o Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina onde atuo.<sup>1</sup> Seguramente que eu não tinha no meu horizonte a História da Educação. Eu não cursei essa disciplina na graduação, no Curso de História, que fiz na Universidade Federal, e nunca ministrei essa disciplina na Universidade Federal quando era professora lá. As minhas inserções eram muito mais no campo da História que no campo da Pedagogia, e a História da Educação era uma disciplina oferecida pelo Curso de Pedagogia. Eu lembro que na UFSC e no meu departamento (Departamento de Metodologia de Ensino) essa disciplina era dada às vezes por aqueles professores que estavam em final de carreira ou por professores colaboradores, não havia um grupo de História da Educação. Em 1991, ingressei no Curso de Doutorado em Educação, na Universidade de São Paulo e foi a partir desse momento que tive contato com a História da Educação, através do Curso História da Educação, ministrado pela Professora Marta Chagas de Carvalho, no primeiro semestre

---

<sup>1</sup> De 07 de abril de 1998 até 04/02/2021, coincidentemente enquanto revisava esta entrevista, a professora recebeu a comunicação da recente aposentadoria, solicitada em setembro de 2020.

de 1991. Um curso memorável onde fui apresentada a autores como Roger Chartier e Michel de Certeau e tive a companhia de colegas como Carlota Boto, Diana Vidal, Moisés Kuhlmann, Rosa Feiteiro Cavallari, Marilena Guedes de Camargo, por exemplo. Minha primeira orientadora na USP, foi a professora Maria Machado Malta Campos, com um projeto sobre a história de uma instituição escolar feminina religiosa em Florianópolis. Com a saída da professora Maria Malta da USP, fui então agraciada com a delicada e competente orientação da professora Jerusa Vieira Gomes, que me deu aval para trocar de projeto e investir na pesquisa de romances indicados e lidos por professoras normalistas nas décadas de 1940/1960. Eu mudei um pouco o trabalho que era sobre essa instituição, pois, ao pesquisar sobre essa instituição, eu encontrei uma quantidade de livros para normalistas. Eram romances escritos por um casal de irmãos franceses, com o pseudônimo de “M. Delly” e com eles fiz a minha tese, editada em 1999 pela Editora Autêntica (MG), sob o título: “Armadilhas da Sedução. Os romances de M. Delly.”

Naquele momento, em 1991, tomei conhecimento, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), de todo um movimento de História da Educação, sob a liderança do GT História da Educação/Anped, com presença de professoras como Eliane Marta Teixeira Lopes (UFMG), Clarice Nunes (UFF), Guacira Lopes Louro (UFRGS) e Marta Chagas de Carvalho (USP), entre outros nomes, por exemplo, da professora Marta Carvalho, que foi com quem eu fiz cursos, e foi aí que comecei a me envolver com essa temática, em função da minha tese e da minha inserção neste GT da ANPED, mas ela não era ainda uma coisa muito clara pra mim, porque na universidade eu atuava na questão do Ensino de História. Era professora de Metodologia e Prática do Ensino de História, que era como se chamava aquela disciplina nas décadas de 1980/1990. Quando retornei do Doutorado para a UFSC (1994), o Programa de Pós-graduação em Educação tinha uma orientação teórico-metodológica que não comportava as discussões sobre livro, leitura, e principalmente, sobre a abordagem da História Cultural, na qual eu realizei meus estudos. Em função da minha formação, fui trabalhar

junto ao Programa de Pós-graduação em História da UFSC. Naquele mesmo momento, depois de minha defesa, o Programa de História começou a se organizar para ter um Doutorado. E aí eu fui muito bem aproveitada no Programa porque eu recém tinha feito esse trabalho com História Cultural, e a linha de pesquisa do Programa de História, inicialmente, da Universidade Federal era sobre História Cultural. Ali comecei a ter essa primeira inserção em História da Educação, via História da Leitura e da Cultura Escrita. E dali pra cá fui me firmando na área. Foram muito importantes, nos finais da década de 1990, os convites e a participação nas reuniões do GT da Anped e, principalmente, da Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores de História da Educação, a Asphe, que, já em 1998, me convidou para um evento na Universidade Federal de Santa Maria, onde eu participei de uma Mesa sobre História da Educação, com a professora Denice Catani (USP), a Professora Maria Stephanou (UFRGS) e a Professora Maria Helena Camara Bastos (UFRGS), coordenada pelo Professor Jorge Luiz da Cunha(UFSM), colegas com quem solidifiquei parcerias na minha trajetória acadêmica na História da Educação. Apresentei um pouco da minha tese, falei sobre questões referentes à memória, e daí fui fortalecendo parcerias com várias colegas (Maria Helena Camara Bastos e Ana Chrystina Venancio Mignot/ UERJ, em especial) e me solidificando na área com a produção conjunta de livros na área de História da Educação. Juntas, nós três organizamos dois livros (*Refúgios do Eu. Educação, História, Escrita Autobiográfica*, de 2000 e *Destinos das letras. História, Educação e Escrita Epistolar*, de 2002. Estas publicações foram decisivas para minha vinculação à área pois ampliaram as possibilidades de utilização da escrita autobiográfica e da escrita epistolar na História da Educação Brasileira.

Quando me aposentei da UFSC, em janeiro de 1998 da Universidade Federal, eu vejo no início de 1999, fiz, em abril deste mesmo ano, um concurso público pra Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc, e fui admitida no Departamento de História, da Udesc. Era um momento especial na Udesc, com ampliação de seus quadros técnicos e docentes e, nesta conjuntura,

emergiu a necessidade de criar E, em seguida, começa toda uma função, e várias reuniões, para que a Udesc também tivesse um Programa de Pós-graduação em Educação, haja vista ter um Curso de Pedagogia, muito bem estruturado, um dos pioneiros no Estado de Santa Catarina e jovens colegas concluindo seu doutoramento. Em função da minha atuação na área fui convidada a coordenar um grupo de colegas para pensarmos, juntos, um Programa de Pós-Graduação em Educação, com essa visada para a História da Educação. O Programa foi organizado e credenciado (2006) pelas instâncias nacionais com a linha História e Historiografia da Educação muito fortalecida com colegas competentes e compromissados. Por ter coordenado a Comissão de Elaboração do Projeto fui eleita a primeira coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC e iniciei minha atuação na linha de História e Historiografia da Educação. Daí para cá eu venho atuando na área e nesta Linha de Pesquisa. Como sou lotada no Departamento de História da UDESC também sou professora permanente do Programa de Pós-Graduação em História que é da mesma época. Minha inserção se faz a partir de pesquisas ligadas ao Patrimônio. E isso vem mesmo por uma inserção na cultura material escolar, através da história dos livros, da leitura, dos manuais de civildade, não é? Então, tudo isso que eu estou aqui a falar é para dizer que não teve nenhuma predisposição “eu quero fazer isso”, “eu já vim entalhada pra isso”, que eu não acredito nisso. Foram condições objetivas, outras nem tanto, que foram sendo colocadas e, algumas vezes, atravessadas ao longo do percurso que me fizeram optar pela História da Educação, a participar de seus eventos, a produzir na área. Esta vinculação foi decisiva a tal ponto que quando fui concorrer à Bolsa de Produtividade, fiquei em dúvida se eu faria o pedido no Comitê de História ou no de Educação, mas, ao verificar minha produção acadêmica percebi que a minha maior produção era na área mesmo de História da Educação, então acabei pedindo na Educação. Foi assim que se deu essa entrada, - afinal, para narrar tudo isso me valho da memória e entendo mesmo que “o passado é um bem daninho, leva à jactância”, como leio em Nélida Pinõn. De toda forma esta vinculação à área de História da Educação foi e

continua sendo muito proveitosa, porque mesmo atuando na Pós-Graduação em História eu continuo trabalhando com arquivos pessoais de professores, de educadores, e faço ainda essa relação entre a História e a Educação, por enquanto tenho feito isso.

**Dóris:** Professora, a senhora comentou seus temas de pesquisa que lhe acompanharam durante a trajetória desde o doutorado, e fez menção, nesses últimos momentos de fala, aos arquivos pessoais, que é justamente a próxima questão. Então, quem acompanha a sua produção, sabe que os arquivos pessoais assumem um significado importante nas suas pesquisas e nas orientações. Neste sentido, gostaria que a senhora falasse sobre esses documentos e quais seriam, no seu entender, as singularidades, as potencialidades, os limites dos arquivos pessoais para o pesquisador, notadamente o pesquisador em História da Educação, que se debruça sobre eles.

**Maria Teresa:** Primeiro quero dizer que os livros com os quais eu estava trabalhando como as séries de leitura graduada, os manuais de civildade, todo esse material estava salvaguardado em arquivos, não necessariamente pessoais, mas em arquivos: arquivos institucionais, arquivos de bibliotecas, etc. Então, eu fui gostando de mexer nessas chamadas “coisas velhas”. E devo também dizer que sou uma guardadora, guardo coisas, escritos, coisas que vou trazendo de viagens, adoro visitar sebos e comprar livros antigos. É até interessante, como é que eu comecei a me interessar por isso, guardando isso, pois, em geral, pessoas gostam quando eu conto porque este material exerce um certo encantamento. Falar de algumas coisas como cartas, álbuns de poesia, diários, percebi que havia todo esse encantamento e comecei a ver que talvez estudar um pouco mais sobre quem guardava isso fosse interessante. Uma primeira inserção, inicial, nesta temática dos arquivos pessoais fiz com a professora Ana Chrystina Venancio Mignot,(UERJ) um artigo que foi publicado na Revista Educação em Questão (UFRN,2006), que nós intitulamos *Razões para Guardar: A escrita ordinária em arquivos de professores/as*. Nesse artigo, inventariamos as escritas ordinárias encontradas em arquivos de professores/as com o objetivo de discutir

a importância de preservação e análise destes documentos para a pesquisa em História da Educação. Muitas vezes fico pensando sobre este meu encantamento por coisas/objetos que o campo até considerava inúteis. Foi um pouco biográfico... sou filha de professora primária e tenho guardados que foram da minha mãe e isso foi uma motivação. Além do mais, estas coisas estão carregadas de sentimentos e isso nos move. Gosto de pensar que nós somos as nossas escolhas, nossas pesquisas ecoam isso, elas têm um pouco a ver com a nossa vida...eu ainda me comovo quando certas lembranças batem à porta. Mas também talvez eu quisesse explicar porque eu gosto de guardar, porque eu fui ser professora, porque eu lia algumas coisas; e isso foi um caminho, não premeditadamente traçado, mas vi aí uma possibilidade de pesquisa que unisse a História e a Educação. Nesse movimento, fui encontrando os arquivos pessoais e reafirmando sua importância para a escrita da História. O historiador não vive sem o arquivo e ao encontrar professores que guardavam, fiz essa junção. Isso também foi fortalecido porque eu fui convidada pra coordenar, em 2015, o Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas que a Faculdade de Educação, a FAED, ligada à Universidade do Estado de Santa Catarina. A UDESC criou este local para abrigar acervos de intelectuais e professores, educadores. E eu passei um tempo lá coordenando este setor, esta instituição. Enquanto eu estive lá, nós recebemos os arquivos de professores como Márcio Victor Konder, Elpídio Barbosa e, por último, em 2017, os arquivos pessoais do professor Walter Piazza, nomes importantes na História e na Educação de Santa Catarina que viraram assim, um mote pra eu me dedicar muito mais a pesquisar esses materiais. Interessante que eu gosto muito mais dos chamados “documentos ordinários” dos arquivos, então, por exemplo, cartas, álbuns fotográficos, cadernos – são temas sobre os quais já escrevi. Ultimamente, eu estou pensando em como abordar um conjunto de quarenta agendas pessoais de um desses professores, tentando criar uma problemática para abordá-las. Gosto de ir adentrando ao objeto pelas bordas, como se diz, para aquilo que é aparentemente negligenciável, como ensina Carlo Ginzburg. Mas eu também aprendi, com Eliane Marta, que tudo que a gente gosta é grande, então como eu

gosto disso, eu acredito que isso seja grande e que esses materiais permitem nos conectarmos com o universo de representações que essas pessoas tinham sob determinadas situações da vida, sobre seu cotidiano, sobre como preparavam suas aulas. O arquivo pessoal do professor Piazza chegou através de sua família representada por sua filha Maria de Fátima Fontes Piazza, minha amiga pessoal e professora de História na UFSC. Tem sido muito bonito de ver, todo o investimento dele, em cerca de cinco ou seis anos, porque esse professor foi um dos incentivadores e criadores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal no início da década de 1970. E agora com o arquivo, a gente tem descoberto os investimentos dele através de cartas e viagens aos Estados Unidos, ao Rio de Janeiro, ao Paraná, para fazer contatos, inclusive com brasilianistas para depois trazer para Santa Catarina e criar o Programa. Nesse Programa da UFSC fiz o Mestrado, na primeira turma. E tem sido muito interessante observar como é que esse curso foi organizado, foi gestado, através das cartas que o professor ia enviando, os contatos que ele ia fazendo para colocar Santa Catarina no mapa também da pós-graduação. Então, tudo isso a gente vai descobrindo. Nós recebemos, também no arquivo do professor Piazza, os diários pessoais da primeira esposa dele, são bem banais sobre os filhos, a casa e o seu cotidiano nas décadas de 1950/60, mas são bem interessantes para a história da cidade. Através deste material, também como florianopolitana, tenho me dedicado a caminhar naqueles locais que a diarista falava, as ruas, por onde passava, o que é que tinha... e isso dá para ver hoje, os novos contornos urbanos da cidade. Pelos diários de 1955 a 1960, estou encontrando quase uma cidade submersa. São coisas aparentemente banais, pequenas, se você olhar os grandes temas, os considerados grandes temas, mas eu sou partidária da ideia de que o detalhe é sempre significativo. E, como ensinou Ecléa Bosi, aquilo que fica é o que significa. Então, aquelas pequenas coisas, elas mostram um mundo. Atualmente, esses objetos estão musealizados, porque não deixam de estar guardados aí neste Instituto, mas são objetos e são possibilidades muito grandes de você escrever sobre a História, sobre a Educação, e de fazer essa junção. O trabalho com esse material ao longo de minha trajetória e o encantamento pelos seguros indícios de

vida ali presentes e nunca abandonados acabaram por fazer de mim uma historiadora da educação atraída por essas coisas ditas ordinárias.

### **3- BEM PROFESSORA, A SENHORA NOS FALA DA HISTÓRIA CULTURAL, MAS PENSO QUE CABERIA AINDA UMA QUESTÃO: QUEM SÃO OS PENSADORES E AS PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS CONTEMPORÂNEAS DO SEU FAZER COMO PESQUISADORA QUE PRODUZEM RESSONÂNCIAS NA SUA FORMAÇÃO COMO ALGUÉM ATUANTE NO CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO?**

**Maria Teresa:** Olha, bem interessante pensar sobre isso, bem importante, inclusive porque na década de 1990 (terminei meu Doutorado em junho de 1995), meu trabalho foi feito sobre livros e leitura, e o diálogo maior foi com o professor Roger Chartier, que é um nome importante, - e cujo primeiro contato foi no curso da Professora Marta Carvalho na USP, em 1991. Ele é muito citado na área de História da Educação, mas uma crítica que eu faço sobre a apropriação de seus conceitos, aqui no Brasil, é que houve uma certa banalização dos seus estudos, que é um nome muito importante para quem estuda a história da leitura, do objeto livro, da cultura escrita, às vezes ele é usado em outras temáticas que não lhe dizem tanto respeito. Para minhas pesquisas ele foi realmente “o detonador, o disparador” eu diria de outras possibilidades de escrita. Registro, igualmente, os contatos com o professor Antonio Castillo Gómez, da Universidad de Alcalá de Henares, na Espanha, com as questões de cultura escrita, gosto muito das coisas que ele escreve, que ele pesquisa. Lógico que através deles você vai tomando contato com outros autores importantes nessa área. Atualmente, por conta da minha inserção no Programa de Pós-Graduação em História, eu estou lendo e pesquisando um pouco nessa perspectiva da História do Tempo Presente e trabalhando com alguns autores considerados importantes para o entendimento dessa História do Tempo Presente. No caso, vou começar citando o próprio Reinhart Koselleck que é uma

bibliografia com a qual trabalhamos e mantemos grupo de estudos para discussão. A História do Tempo Presente trabalha com essas múltiplas temporalidades, e essas dimensões de passado, presente e futuro que se conectam. Esta tem sido uma possibilidade teórico-metodológica que temos aproveitado para nos apropriarmos um pouco que seja, no estudo dos arquivos, considerando que os arquivos reúnem passados que reverberam outros presentes e que apontam perspectivas, horizontes de expectativas para outros futuros e é nesta chave que seguimos. Além disso, a minha inserção também na área de Patrimônio tem me levado a autores como o François Hartog que trabalha, não só com Patrimônio, mas também na Teoria da História, com os chamados regimes de historicidade, quer dizer, como cada sociedade trata seu passado, compreender as diversas formas/experiências que estabelecemos em relação com o tempo. Aproveito estes diálogos conceituais para fazer aproximações sucessivas desses autores com meus objetos de pesquisa na História da Educação. Importante também considerar leituras e abordagens ligadas à questão da narrativa, como uma forma de configurar a experiência humana, que é uma leitura vinda dos textos e livros, muito difíceis, mas necessários, não quer dizer que domine, fico aprendendo com a obra do Paul Ricoeur, atualmente. Para meus estudos com e nos arquivos pessoais eu gosto dos trabalhos de Ângela de Castro Gomes, principalmente essa questão do intelectual mediador e dos trabalhos de Luciana Heymann sobre os arquivos pessoais, entre tantos outros. E na área da História da Educação eu tenho essa relação bastante grande, profícua com os vizinhos do Rio Grande do Sul, com quem eu tenho feito trabalhos, participado de eventos, como os eventos da Asphe, e tenho compartilhado bastante os meus trabalhos com esses colegas, tanto no Rio Grande do Sul, como no Rio de Janeiro, de São Paulo, do Paraná, e mesmo em Portugal em eventos como os do Congressos Brasileiros de História da Educação - CBHE e os Congressos Luso-Brasileiros de História da Educação. Muitos outros autores importantes estão nas minhas produções, e quem se interessar pode ver, para não criar nenhum melindre que esse colega ou amigo é mais importante. Mas, sobretudo, tenho tido essa parceria muito grande com colegas do Rio Grande do Sul e com colegas do

Rio de Janeiro em função do nosso Grupo de Pesquisa “Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação, coordenado por ti, Dóris, que também trabalha na temática dos arquivos pessoais. Além dos colegas espanhóis continuo, bastante alinhada com os estudos da historiografia de base francesa e, ultimamente um livro que me moveu, e que eu gostei de ler, é o livro de um historiador francês, Olivier Dumoulin que se chama: *A função social do historiador*. Da cátedra ao tribunal”, onde ele vai discutir a razão de ser historiador no tempo presente e é muito interessante, principalmente nesse momento tão tenebroso em que a gente vive, aqui no nosso país.

#### **4- PROFESSORA, FALANDO UM POUCO DAS SUAS ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES, AVALIANDO OS SEUS PERCURSOS, DESTAQUE ALGUNS DOS ESTUDOS QUE, ENFIM, A SENHORA CONSIDERA QUE FORAM IMPORTANTES. O QUE CONSIDERA QUE SÃO ÍCONES DA SUA TRAJETÓRIA?**

**Maria Teresa:** Eu gosto muito de trabalhar com livros, com leitura, História da Leitura e, especialmente, também gosto muito de trabalhar com coisas dos chamados objetos ordinários. Na história da leitura não estou tão interessada nos grandes livros fundadores da área, mas estou sempre interessada naquilo que é aparentemente menor, repito, apenas aparentemente menor. E sempre pensando assim: para além da escola, o que mais nos formou para vida, e aí acho que a leitura tem uma função civilizatória importante nisso. Eu gosto e já trabalhei com livros de bolso, principalmente de uma autora espanhola, que é a Corín Tellado, que é bem popular. Trabalhei com os catecismos pornográficos do Carlos Zéfiro na educação masculina. Eram livrinhos desenhados que eram lidos, prioritariamente, por homens e foram ícones de construção de masculinidade. Enfim, meus ícones (se os há!) são estes objetos menores, diários, agendas, cartas, álbuns, estudos sobre as dedicatórias. Eu me interesso por essas coisas desassombradas que transversalizam a nossa vida e que fazem parte do nosso cotidiano. E claro, isso tudo agora reunido num arquivo é um maná para o

pesquisador, porque nesses arquivos eu tenho encontrado possibilidades de trabalhar essas questões. Muito interessante que eu não sei muito trabalhar com fotografias, com imagens. Eu não tenho discussões sobre imagens, a tal ponto que uma vez uma colega se espantou como se fosse um sacrilégio não fotografar, e eu até concordo. Não gosto muito de fotografar. Quase não fotografo em viagens O que eu guardo, eu guardo nos meus olhos minha cabeça e deu. Mas eu me interesse por coisas escritas, seja lá o que for, desde a letra, o papel, quem mandou, o assunto, essas coisas assim pequenas. E foi na Educação, na verdade foi a História da Educação, que deu a oportunidade pra que isso aflorasse, é importante registrar. Voltando lá, ao que havia sido perguntado no início, uma das coisas que a História da Educação me propiciou - eu sou tributária disso - foi a oportunidade de trabalhar com isso e de achar pessoas que valorizavam estes assuntos e materiais. E eu creio até, pelo menos em Santa Catarina, talvez até um pouco mais aqui no Rio Grande do Sul, tem uma certa iniciativa, uma certa precedência de eu ter feito isso, de escrever sobre diário. Não conheço mais ninguém em Santa Catarina, mas pode ser até que já tenha, mas que desde a década de 80 eu estava escrevendo sobre diários pessoais, diários femininos, que são essas coisas que eu gosto. E agora mais próximo de eu me aposentar eu tenho pensado sobre isso e tenho vontade de continuar. Mesmo aposentada da graduação, mas continuar na pós-graduação e trabalhando com isso, orientando, escrevendo sobre isso.

**5-MUDANDO DE ASSUNTO, GOSTARIA TAMBÉM DE LHE OUVIR A RESPEITO DE SUA SENSAÇÃO SOBRE AS PERSPECTIVAS ACERCA DO ENSINO E DA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL. COMO VÊ NO CENÁRIO ATUAL A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, TANTO NA PERSPECTIVA DE DISCIPLINA, COMO PESQUISA?**

**Maria Teresa:** Olha, isso é bem importante, porque a partir do ano 2000 foi fundada a Sociedade Brasileira de História da Educação, num congresso

que houve no Rio de Janeiro, na UFRJ. E, desde então, há um progressivo aumento das pesquisas, a tal ponto que esses congressos têm reunidos dois, três mil participantes. Houve um incremento na área, tanto de historiadores de formação que se interessaram pela Educação como de pedagogas/os, sociólogas/os, antropólogas/os que realizam lindos e importantes trabalhos, isso foi uma coisa muito positiva porque propiciou uma significativa abertura para abordagens transdisciplinares, uma forma competente de oxigenar a área. No nosso caso da Udesc, por exemplo, História da Educação já é uma disciplina do currículo do Curso de História, como optativa, e, quando ela é oferecida, há bastante inscritos. Ela é uma disciplina também bastante presente tanto no curso de graduação em Pedagogia como no Programa de Pós-Graduação em Educação e na Universidade do Estado de Santa Catarina, onde eu atuo, e mesmo na Pós-Graduação em História ela não aparece como História da Educação, mas quando eu ofereço: História da Leitura, História da Cultura vai aparecer ali muita coisa relacionada à História da Educação. Enfim, há muitos e bons trabalhos. A área cresceu, haja vista o número de revistas qualificadas que nós temos além de nossa atuação como editores de revista, avaliadores de artigos, igualmente o crescente número de teses e dissertações que a gente toma conhecimento. Vejo com bastante ênfase, inclusive no próprio CNPq, História da Educação já é uma área específica. São esses detalhes que nós temos que estar bem alertas a eles porque isso acaba mostrando uma solidificação da área, uma presença efetiva. Merece destaque os estudos relacionados ao chamado Patrimônio Histórico-Educativo que contemplam variados estudos sobre cultura material escolar em que há um número de trabalhos considerável já sendo feitos no Brasil inteiro. Faço referências, especificamente, aos grupos de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, de Campinas, do Maranhão e do Rio de Janeiro que eu conheço mais. Mas sei que há em todo Brasil muitas coisas, no Paraná e em Sergipe também há colegas trabalhando sobre isso. Então eu vejo, de 1995 pra cá com bastante otimismo. Quando fiz o doutorado, a Linha era Educação, História e Filosofia, e isso em 1995. A partir do ano 2002, a Universidade de São Paulo já tem a Linha História e Historiografia da Educação. A proliferação de revistas qualificadas é um

dispositivo divulgação de pesquisas, de iniciativas de atuação e a gente já vê aí que tem um incremento, uma forma de dar legitimidade epistemológica à área que cresce assim, a olhos vistos, do meu ponto de vista.

## **6- E AINDA SEGUINDO ESTE TEMA, O QUE SERIAM OS DESAFIOS PRA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO A PARTIR DESSE MOMENTO EM QUE VIVEMOS?**

**Maria Teresa:** Entendo que colocar esses desafios, seria dar um patamar mais significativo para essas pequenas coisas que assolam o nosso dia a dia de educadores, de professores e professoras. E, principalmente, fazer com que o resultado dessas pesquisas reverberem nas três etapas da educação básica (infantil, fundamental e médio). Para isso, é essencial, por exemplo, que hajam iniciativas e incentivos às escolas para formação, salvaguarda e preservação de arquivos escolares, para que as escolas também possam contar suas histórias. Incentivo para guardar, é lógico que não temos espaço para guardar tudo, toda guarda de documentos, ela envolve também um descarte, isso é normal. Mas políticas públicas que incentivem a salvaguarda e a preservação de materiais, para que as próximas gerações possam contar com esses arquivos, e com esses centros de documentação, para escrever a história, para narrar, para configurar uma experiência. Eu vejo com certo otimismo esta questão, porque, inclusive, temos sido chamados, vários de nós, colegas, para irmos às escolas e fazer salvaguarda de material, ensinar coisas básicas de preservação de livros e tal. E há iniciativas muito importantes, como o Grupo Civilis ( Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania) em Campinas (SP), coordenado pela Professora Maria Cristina Menezes e a iniciativa do grupo Hisales (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares) da Universidade Federal de Pelotas (RS) que preserva a memória e materiais ligados à história da escola sob coordenação das professoras Eliane Peres, Vania Grim Thies e Chris Ramil, que recebem esse material neste centro de pesquisa, pesquisam e orientam lindos trabalhos. Esta é uma iniciativa que as

universidades deveriam imitar, acho que isso aí é bem importante. E isso mostra também essa conexão entre quem pesquisa, quem guarda e quem escreve, conectando ensino, pesquisa extensão. Em Santa Catarina também temos o Museu da Escola, que apesar de guardar outros acervos também, tem preservado, por exemplo, os quadros de formatura e que criam possibilidade de se pensar outros trabalhos. Há perspectivas, apesar de tudo.

## **7- E CHEGAMOS ENTÃO NA ÚLTIMA PERGUNTA, ENCERRO ESSA ENTREVISTA COM UM PEDIDO PARA QUE DIGA ALGUMAS PALAVRAS AOS JOVENS PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.**

**Maria Teresa.** Eu acredito na ideia de trabalhar em rede, de compartilhar, de ter grupos de pesquisa e grupos de estudo – é importante pensar que uma carreira não se faz só, isso é fundamental. Quando a gente está aqui, sendo entrevistada por uma pessoa, e tem uma outra pessoa, e eu estou a contar um pouco, mas é sempre interessante, importante dizer, que a carreira se faz com trabalho compartilhando com outras pessoas, outros pesquisadores, com outras instituições. É lógico que tem um trabalho individual, de escrita, que é penoso, escrever às vezes dói, mas é fundamental que isso tudo seja estudado, ancorado num grupo de pesquisa ou de estudos. E é essa a sensação que eu tenho, depois de tantos anos de trabalho, que é realmente você trabalhar em grupo, hoje em dia isso está sendo muito incentivado. Há, igualmente, necessidade de investir em leituras para além do campo específico, leituras literárias por exemplo, além de filmes e música. Inebriar-se de arte. Você tem que ler, e isso exige certa organização do tempo para poder ler, escutar uma música, assistir a um filme é isso que faz a diferença, eu aconselho mesmo! Eu costumo dizer aos meus amigos que a gente não consegue aprender a dançar por correspondência, portanto, a gente só aprende a escrever, lendo. É fundamental ler, trocar. Evidente que nosso mundo é muito corrido, mas reuniões de grupo de pesquisa, sempre fortalece. A ideia que eu penso importante passar é a do trabalho conjunto, efetivamente em

equipe, compartilhando ideias, saberes, possibilidades... e até comportamentos. Compartilhar comportamentos, principalmente com relação aos que nos precederam, que são apenas diferentes de nós, não são melhores, nem piores. Então parece que é isso que fica, de tudo que a gente vive, é isso. Compartilhar e aprender junto. Também tem essa coisa de estar aberto para aprender com o outro. Eu, por exemplo, aprendo com meus colegas, mas muito com meus alunos, com os jovens, quando eu vou a bancas, a gente aprende muito e pensa “olha ele fez aquela apropriação desse autor, ele fez diferente e tal”. Então é isso que eu digo, um compartilhamento e um trabalho em rede. Obrigada.

**Dóris:** Eu agradeço por essa entrevista para a revista História da Educação, foi muito bom.

**Maria Teresa:** O prazer e o privilégio foram meus.

DÓRIS BITTENCOURT ALMEIDA é professora de História da Educação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: Almeida.doris@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0002-4817-0717>

Recebido em: 16 de abril de 2020

Aprovado em: 28 de junho de 2020

Editora responsável: Terciane Luchese



Revista História da Educação - RHE  
Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação - Asphe  
Artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.